

e *Eclesiastes*. Como é que um grande poeta (autor/es de *Job*) conseguiu inovar com formas tradicionais (hino, lamentação individual) transmitindo afinal uma verdade antiga (sofrimento aparentemente imerecido)?!

Termina-se com as «considerações finais» (364-405), a que segue um breve Índice analítico e uma lista de Lugares Bíblicos. Incluem-se no tratamento e os livros deutero-canónicos (*Carta de Jeremias, Livro de Ben Sira e Livro da Sabedoria*), pois sem eles a sabedoria de Israel seria incompleta. Nem no Índice se relegam para um estatuto menor de «apócrifos», tratados como são em pé de igualdade com os restantes. O espírito científico insere-se bem no diálogo ecuménico.

Não resta ao crítico senão convidar à leitura e ao estudo.

José Nunes Carreira

DIETMAR MATHIAS, *Die Geschichtstheologie der Geschichtssummarien in den Psalmen* (Beiträge zur Erforschung des Alten Testaments und des antiken Judentums, 35), Peter Lang, Frankfurt a. M. 1993. ISBN 0722-2097. ISBN 3-631-44223-8

Até à década de 60, G. von Rad era uma espécie de «monstro sagrado» da ciência veterotestamentária, nomeadamente na questão do Pentateuco. Um dos pilares era o seu estudo de 1938, «Das formgeschichtliche Problem des Hexateuch». Os sumários históricos de alguns salmos eram aí interpretados como estádio antigo da formulação do «pequeno credo histórico» de Dt 26,5-9. Enquanto outros questionavam a relação desse «credo» com as antigas tradições históricas do Pentateuco e perguntavam se se tratava de «história da salvação» ou de reflexão sobre a teologia da história, o Autor pegou nos sumários históricos dos Salmos nesta tese de habilitação apresentada em 1989 à secção Teologia da universidade Karl Marx de Leipzig.

O importantíssimo cap. 2 («Discussão do problema», pp. 16-47) estabelece o fundamento teórico. Trata-se antes de mais de definir o que é um sumário histórico (pp. 16-19). Inverte-se a diacronia de von Rad: os sumários dos Salmos não são anteriores à redacção do Pentateuco, antes vêm depois dela (pp. 26-27). A própria noção de «credo histórico» é de rever: Dt 26,5-9 é «oração», não «credo» ou confissão de fé (pp. 25-29).

A melhor maneira de aflorar os sumários históricos dos Salmos é tomá-los como *topos* literário, para cuja definição contribui a ciência

literária desde os retóricos (pp. 31-34). Tudo para resolver satisfatoriamente a tarefa de determinar o que há de comum entre textos como o «credo histórico» e os sumários históricos dos Salmos e a sua relação com as tradições históricas do Antigo Testamento (pp. 14-15).

A parte substancial do estudo é a análise pormenorizada de três, para o Autor impropriamente chamados, «salmos históricos» (78, 105, 106), dedicando um capítulo a cada um deles. Discutindo unidade, texto e contexto, colometria, inconsistências (Spannungen) e uso linguístico, procura-se determinar data, género e teologia da história. O SI 78 tem influências deuteronomistas e sapienciais e não será anterior ao exílio; o mais provável é datar do tempo posterior ao exílio (pp. 69-70). Os modelos interpretativos derivados de Dt 26 não funcionam (p. 104). «O sumário não pode ser visto como um esquema de uma história da salvação canónica na forma de um 'pequeno credo', alargado à desobediência de Israel» (p. 110). Idênticas conclusões se tiram das análises dos outros dois salmos. SI 105, do mesmo modo que Dt 26 e SI 78, retoma tradições dos livros históricos do Antigo Testamento. O ponto histórico atingido (monarquia, em SI 105) não é o dos autores. Há bons motivos para crer que o ponto final da história dos sumários representa um «horizonte de expectativa» do seu tempo, esperança da posse de Canaã (SI 105, que será pós-exílico, p. 124) e esperança de um rei davídico (SI 78). O SI 106, pós-exílico como os anteriores (pp. 170-175), «é um hino muito peculiar e formalmente único no Antigo Testamento, contendo elementos típicos de outros géneros literários (confissão de culpa, súplicas) ao lado de elementos formais clássicos do hino» (p. 205). «A história é interpretada a partir de um modelo principal, o modelo de interacção culpa-mercê. (...) A este modelo estão submetidos e integrados outros, como o de pecado-castigo e perdão e os de aflição-ajuda e escravidão-libertação da escravidão. Com isso, o SI 106 faz um caminho completamente independente em relação ao 'credo histórico'» (p. 206).

A investigação pretendeu mostrar e demonstrar com argumentos linguísticos (pontos de contacto com escritos exílicos e pós-exílicos) e de história da tradição (dependência dos sumários históricos relativamente ao Pentateuco acabado) que os SI 78, 105 e 106 «são criações da comunidade pós-exílica» (p. 207). Rigor e método não lhe faltam. Assiste-se deste modo ao desmoronamento sistemático de uma das bases do magnífico e epocal estudo de von Rad. Mas, se os sumários históricos não são um indício da independência mútua das tradições do êxodo e do Sinai (v. Rad), também não se opõem a ela. O problema da formação do Tetrateuco, questionado a sério desde a

década de 70, recebe mais um esclarecimento. O maior contributo da dissertação está em inverter uma relação literária entre dois *corpora* do Antigo Testamento.

José Nunes Carreira

WERNER H. SCHMIDT, *Vielfalt und Einheit alttestamentlichen Glaubens*, I: Hermeneutik und Methodik, Pentateuch und Prophetie, Neikirchener, Neukirchen-Vluyn 1995

Três discípulos (Axel Graupner, Holger Delkurt e Alexander B. Ernst) do *Alttestamentler* de Bona resolveram homenagear o mestre por ocasião dos seus 60 anos, organizando a recolha e publicação de alguns dos seus estudos dispersos. Este primeiro volume agrupa trabalhos sobre Hermenêutica, Método, Pentateuco e Profecia. As três primeiras epígrafes são porventura as que mais agitam os investigadores actuais. Sobre a clave hermenêutica do mito, indispensável para a história das Origens, leia-se «O mito no Antigo Testamento» (pp. 3-20). Indispensável, mas devidamente enquadrada. Definindo o mito de acordo com a actual ciência das religiões, o Autor não só lhe reconhece o serviço à interpretação, mas também os limites. «Israel depara-se com o mito como compreensão de Deus; não o rejeita liminarmente, mas pode-o tomar, por diversas razões. Israel não exprimiu a sua fé sem mito, se calhar nem a podia exprimir – sobretudo no tocante à criação». Mas já antecipara a reserva: «Se o mito fosse uma 'forma de expressão' adequada à fé, ficaria sem explicação a controvérsia que o Antigo Testamento leva a cabo com o mito, do Javeísta ao Escrito Sacerdotal, passando pela Profecia» (p. 15). Sobre o problema candente exegese morfocrítica *versus* leitura holística do texto final há as reflexões moderadas do autor em defesa da primeira (pp. 21-33: «Limites e vantagens da exegese histórico-crítica. Um breve discurso de defesa»).

Aplicando à discussão actual sobre a formação do Pentateuco, o Autor continua a defender a muito atacada hipótese documentária. Títulos e subtítulos já dizem tudo: «Um teólogo no tempo de Salomão? Alegações em defesa do Javeísta» (pp. 80.-100); «Alegações em defesa da divisão das fontes» (pp. 101-114); «Observações elementares sobre a divisão das fontes no Pentateuco» (pp. 115-138). Quem, como eu, estava absolutamente céptico quanto à necessidade de deitar por terra toda a hipótese documentária, fica robustecido. Quem for de opinião contrária, tem ocasião de reflectir. Em qualquer